

LIÇÃO DOIS

311. Depois que o Filósofo mostrou o que é a memória, ele agora explica a que parte da alma ela pertence. Sobre isso, ele faz duas coisas. Primeiro, ele prefacia um certo ponto que é necessário para o que ele se propõe a fazer, nas palavras: "Grandeza e movimento, no entanto, etc."

Sobre o primeiro, ele faz a introdução pretendida; em seguida, ele exemplifica, onde diz: "Pois a mesma paixão acontece, etc."; finalmente, ele mostra qual aspecto disso deve ser explicado em outro lugar, nas palavras: "Portanto, por esta razão, etc." Portanto, ele primeiro nota que no livro *Sobre a Alma* ele explicou o que é a imaginação, ou seja, um movimento feito pelo sentido em ato. No mesmo livro, ele também mostrou que os homens não entendem sem um fantasma.

312. Então, quando ele diz: "Pois a mesma paixão acontece, etc.", ele prova o que acabou de dizer. Poderia parecer incongruente para alguém que um homem não possa entender sem um fantasma, já que o fantasma é a semelhança da coisa física, enquanto o entendimento é de universais, que são abstraídos dos particulares. Portanto, para manifestar isso, ele dá o seguinte exemplo. Acontece que o intelecto precisa de um fantasma, assim como acontece no desenho de uma figura geométrica em que um triângulo é desenhado, deve ser de alguma quantidade determinada, embora o geômetra em sua demonstração não use uma quantidade determinada de triângulo. Da mesma forma, um homem que deseja entender algum objeto coloca diante de seus olhos (recorda) um fantasma de alguma quantidade determinada, na medida em que é singular; por exemplo, desejando entender o homem, a imaginação propõe (uma imagem de) algum homem de três pés de altura; mas o intelecto entende o homem na medida em que ele é homem, não na medida em que ele tem essa quantidade particular.

313. No entanto, porque o intelecto pode entender a natureza da quantidade, ele nota que se os objetos a serem entendidos são por natureza quantificados, por exemplo, linha, superfície e número — mas não definidos, ou seja, limitados por uma determinação de singularidade —, ainda assim, ele deve apresentar a si mesmo uma imagem de uma quantidade determinada. Ocorre, por exemplo, a um homem que deseja entender 'linha', um fantasma de uma linha de dois pés, mas o intelecto entende 'linha' apenas de acordo com a natureza da quantidade, e não como sendo 'de dois pés'.

314. Então, quando ele diz: "Por esta razão, etc.", ele esclarece por que esse ponto é reservado, e diz que há outra razão que mostra por que o homem não pode entender nada sem o contínuo e o tempo, na medida em que o homem não pode entender nada sem um fantasma. Pois um fantasma deve estar conectado com o extenso e o tempo, pelo próprio fato de ser uma semelhança de uma coisa singular que está 'aqui e agora', e isso não pode ser entendido sem um fantasma. A razão pela qual o homem não pode entender sem um fantasma pode ser facilmente dada no caso da primeira recepção das espécies inteligíveis, que são abstraídas dos fantasmas, de acordo com a doutrina de Aristóteles no terceiro livro *Sobre a Alma*. Mas também é evidente pela experiência que aquele que já adquiriu conhecimento inteligível através de espécies apreendidas no

entendimento não pode realmente considerar o que sabe a menos que tenha algum fantasma. Por esta razão também, uma lesão no órgão da imaginação impede o homem não apenas de entender algo novo, mas também de considerar o que ele entendeu anteriormente, como é evidente nos insanos.

315. No entanto, alguém poderia objetar aqui que as espécies inteligíveis não permanecem no intelecto possível humano, exceto enquanto uma pessoa está realmente entendendo. Então, depois que uma pessoa não está mais realmente entendendo, as espécies inteligíveis desaparecem e deixam de estar no intelecto, da mesma forma que a luz deixa de estar no ar quando um corpo iluminador está ausente. Assim, é necessário, se o intelecto quiser entender de novo, voltar novamente aos fantasmas para adquirir espécies inteligíveis.

316. Essa (objeção) é expressamente contrária às palavras de Aristóteles encontradas no terceiro livro *Sobre a Alma*. Ele diz lá que, uma vez que o intelecto possível se torna os diversos objetos inteligíveis através de suas espécies, ele está então em potência para realmente entendê-los. (A afirmação acima) também é irracional, pois as espécies inteligíveis são recebidas atualmente no intelecto possível de forma imóvel, de acordo com seu próprio modo; e assim o intelecto possível tem espécies inteligíveis mesmo quando não está realmente entendendo.

Isso não é o mesmo que nas faculdades sensitivas, nas quais, como resultado da composição do órgão físico, é uma coisa receber uma impressão, que é sentir atualmente; e outra reter, quando as coisas não estão sendo realmente sentidas, como Avicena objeta. (O fato de que o intelecto possível tem espécies inteligíveis mesmo quando não está realmente entendendo) é um efeito dos diversos graus de ser das formas inteligíveis, que podem estar ou em potência pura, como na descoberta ou aprendido; ou em ato puro, como quando se está realmente entendendo; ou, finalmente, no meio-termo entre potência e ato, que é estar no estado de um hábito.

O intelecto humano possível, portanto, necessita de um fantasma não apenas para adquirir as espécies inteligíveis, mas também para, de certa forma, inspecioná-las nos fantasmas. É o que se afirma no terceiro livro *Sobre a Alma*. Portanto, o intelecto compreende as espécies nos fantasmas.

317. A razão para este (modo de compreensão) é que a operação é proporcionada à faculdade e à essência. O intelecto humano, no entanto, reside na parte sensitiva, como é dito no segundo livro *Sobre a Alma*. Assim, sua operação própria é compreender objetos inteligíveis nos fantasmas, assim como a operação (própria) do intelecto de uma substância separada é compreender objetos inteligíveis em si mesmos. A causa dos diferentes modos de compreensão é dada pelo metafísico, que considera os diversos graus do intelecto.

318. Em seguida, quando ele diz: "*Magnitude e movimento, no entanto, etc.*", ele mostra a qual parte da alma pertence a memória: primeiro, por meio de uma razão; depois, por meio de indícios, onde ele diz: "*Por isso, em outros, etc.*"; finalmente, conclui o que se propôs a fazer, onde diz: "*De qual parte, portanto, etc.*" Ele afirma, em primeiro lugar, que é necessário que a magnitude e o movimento sejam conhecidos pela mesma parte da alma pela qual o tempo é conhecido. Pois esses três estão conectados tanto em sua divisão quanto naquilo que constitui o infinito e o finito, como é provado no sexto livro da *Física*.

319. A magnitude, no entanto, é conhecida pelos sentidos, pois é um dos sensíveis comuns. De modo semelhante, o movimento, especialmente o movimento local, é conhecido na medida em que a distância de uma magnitude é conhecida. Mas o tempo é conhecido na medida em que o anterior e o posterior no movimento são conhecidos. Por essa razão, esses três podem ser percebidos pelos sentidos. Ora, uma coisa é percebida pelos sentidos de duas maneiras. De uma maneira (a coisa é percebida) através de uma modificação operada nos sentidos por um objeto sensível; e assim, tanto os sensíveis próprios quanto os comuns são conhecidos pelos sentidos próprios e pelo sentido comum. De outra maneira, algo é conhecido por um movimento secundário que permanece após a primeira modificação operada nos sentidos pelo objeto sensível. Esse movimento permanece, às vezes, mesmo depois que os objetos sensíveis desapareceram e pertence ao fantasma, como foi considerado no livro *Sobre a Alma*. Mas a fantasia, na medida em que aparece através desse movimento secundário, é uma paixão do sentido comum, pois segue toda a modificação operada nos sentidos, que começa a partir dos sensíveis próprios e termina no sentido comum. Consequentemente, fica claro que esses três, a saber, magnitude, movimento e tempo, enquanto estão em um fantasma, são compreendidos e conhecidos pelo sentido comum.

320. Além disso, a memória não é apenas de objetos sensíveis – por exemplo, quando alguém se lembra de que sentiu; mas é também de objetos inteligíveis – por exemplo, quando alguém se lembra de que entendeu. Isso, no entanto, não ocorre sem um fantasma. Pois os objetos sensíveis, depois de terem passado, não são percebidos pelos sentidos exceto em um fantasma; a compreensão também não ocorre sem um fantasma, como foi observado acima. Por essa razão, ele conclui que a memória pertence à parte intelectual da alma, mas apenas acidentalmente; pertence essencialmente ao primeiro elemento sensitivo, o sentido comum. Ora, foi dito acima que um homem, ao compreender, representa para si uma quantidade determinada no fantasma, mesmo que o intelecto em si considere uma coisa ausente.

Mas a apreensão do tempo pertence à memória segundo uma determinação certa, a saber, uma distância no passado a partir do instante presente. Portanto, a memória pertence essencialmente à aparição dos fantasmas; acidentalmente, ao juízo do intelecto.

321. Pode parecer a alguém, a partir do que foi dito aqui, que a imaginação e a memória não são faculdades distintas do sentido comum, mas certas paixões dele. No entanto, Avicena mostra razoavelmente que as faculdades são diversas. Como as faculdades sensitivas são atos de órgãos físicos, é necessário que a recepção das formas sensíveis, que pertence aos sentidos, e a sua conservação, que pertence à imaginação ou fantasia, pertençam a faculdades diversas. Como vemos nas coisas físicas, a recepção pertence a um princípio e a conservação a outro, pois as coisas úmidas são bastante receptivas, mas as coisas secas e duras são mais conservadoras. Da mesma forma, pertence a um princípio receber uma forma, a outro conservar a forma recebida pelos sentidos, e a um outro ainda perceber alguma significação não apreendida pelos sentidos. Embora a faculdade estimativa perceba (a significação) mesmo em outros animais, a faculdade memorativa a retém. Ela funciona lembrando uma coisa, não absolutamente, mas como foi apreendida no passado pelos sentidos ou pelo intelecto.

322. Assim, acontece que, entre faculdades diversas, uma é como a raiz e a origem das outras, e seus próprios atos pressupõem o ato da primeira faculdade. Por exemplo, a função nutritiva é como a raiz das funções de crescimento e reprodução; cada uma delas usa o nutriente. Da mesma

forma, o sentido comum é a raiz da fantasia e da memória, que pressupõem o ato do sentido comum.

323. Em seguida, quando ele diz: "*Por isso, em outros, etc.*", ele manifesta o que disse por meio de dois indícios. O primeiro indício é retirado do caso dos animais que possuem memória. Como a memória é essencialmente do primeiro elemento sensitivo, ele diz que ela é encontrada em certos outros animais que possuem sentidos e carecem de intelecto, e não apenas no homem e em certos outros que têm opinião – que pode pertencer ao intelecto especulativo – e prudência – que pertence ao intelecto prático. Se a memória fosse algo intelectual, ela não estaria em muitos outros animais, nos quais é certo que há memória e, no entanto, nenhum intelecto.

324. Ele diz, além disso, "talvez" porque algumas pessoas se perguntaram se certos animais, além do homem, possuem um intelecto, devido a certas ações que se assemelham a obras da razão, como as ações de macacos e certos animais semelhantes.

325. O segundo indício ele apresenta, onde diz: "*Visto que, não, etc.*", e é retirado de animais que não possuem memória. Ele diz que fica claro que a memória pertence essencialmente à parte sensitiva, porque, mesmo agora, quando supomos que o homem, entre os mortais, é o único que tem intelecto, a memória não se encontra em todos os animais, mas apenas aqueles que sentem o tempo possuem memória. Pois certos animais não percebem nada a menos que estejam na presença de coisas sensíveis, como certos animais imóveis, que, por essa razão, têm uma imaginação indeterminada, como é dito no segundo e terceiro livros *Sobre a Alma*.

Por essa razão, eles não podem conhecer o anterior e o posterior e, conseqüentemente, não têm memória. Pois sempre que a alma age pela memória, como foi dito antes, ela sente ao mesmo tempo que viu, ouviu ou aprendeu esta coisa anteriormente. Ora, o anterior e o posterior pertencem ao tempo.

326. Em seguida, quando ele diz: "*De qual parte, portanto, etc.*", ele conclui o que se propôs a fazer. Ele diz que a parte da alma à qual a memória pertence está clara a partir do que foi dito, porque pertence àquela parte à qual a imaginação pertence, e porque as coisas que são objetos essenciais da memória são aquelas das quais temos fantasmas, a saber, os objetos sensíveis, enquanto as coisas inteligíveis, que não são apreendidas pelo homem sem a imaginação, são objetos acidentais da memória. Por essa razão, não podemos lembrar bem daquelas coisas que têm uma consideração sutil e espiritual; os objetos que são grosseiros e sensíveis são melhores objetos de memória. É necessário, se desejamos facilitar a lembrança de razões inteligíveis, vinculá-las a certos fantasmas, como Cícero ensina em sua *Retórica*. No entanto, a memória é colocada por alguns na parte intelectual, na medida em que a memória é entendida como toda conservação habitual daquelas coisas que pertencem à parte intelectual da alma.